

ROSALVO RIBEIRO: POR ENTRE O DELÍRIO DAS CORES, OU UM ESTRANGEIRO QUE TAMBÉM VIVEU POR AQUI

**ROSALVO RIBEIRO: AMIDST A DELIRIUM OF COLORS, OR A FOREIGNER
WHO ALSO LIVED HERE**

Ciências Humanas • 06/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/785949098](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/785949098)

Edson José de Gouveia Bezerra¹

RESUMO

Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro (1865-1915), ou simplesmente Rosalvo Ribeiro, é até hoje considerado o maior artista plástico de Alagoas. Vivendo em uma época de transição entre a Monarquia e a República, aos 20 anos, em 1885, graças a uma bolsa bancada pela Assembleia Legislativa de Alagoas, se transfere para o Rio de Janeiro, onde, na Escola de Belas Artes, estuda com Eliseu Visconti, e apenas três anos depois, em 1888, graças a uma bolsa financiada pelo governo de Alagoas, se desloca para Paris, se aperfeiçoando na Academia Julian, sob orientação do acadêmico Jean-Batista Detaille. O presente ensaio, além de um pequeno resumo biográfico tentando situá-lo, problematiza o núcleo temático de sua pintura, identificando no autor um alheamento tanto no que se refere aos tensionamentos da modernidade como no que diz respeito à construção de uma temática voltada para a realidade nacional, tal como já havia se configurado em Victor Meireles (1832-1903) e Pedro Américo (1843-1905).

Palavras-chave: Modernidade; Monarquia; República; Alagoas.

ABSTRACT

Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro (1865–1915)—or simply Rosalvo Ribeiro—is still considered the greatest visual artist from the state of Alagoas, Brazil. Living during the transition from the Monarchy to the Republic, he moved to Rio de Janeiro at the age of twenty in 1885 on a scholarship funded by the Legislative Assembly of Alagoas, where he studied under Eliseu Visconti at the School of Fine Arts. Just three years later, in 1888, he traveled to Paris on a scholarship financed by Government of Alagoas, where he continued his training at the Académie Julian under the guidance of the academic painter Jean-Baptiste Detaille. In addition to providing a brief biographical overview that seeks to place the artist in context, this essay

examines the thematic core of his painting, identifying a certain detachment regarding both the tensions of modernity and the development of themes centered on Brazilian reality—themes that had already been established in the works of Victor Meireles (1832–1903) and Pedro Américo (1843–1905).

Keywords: Modernity; Monarchy; Republic; Alagoas.

1. INTRODUÇÃO

De Rosalvo Ribeiro, do que nos chegou de sua obra, poder-se-ia falar — não fosse Romeu Loureiro² e alguns apaixonados — de seu esquecimento, e isso para não nos reportarmos aos seus últimos anos, quando, para sobreviver, além de ministrar aulas de francês, também pintava quadros de severas senhoras e senhores pertencentes às elites açucareiras e de empresários do setor algodoeiro de Alagoas. Enquanto em sua mulher — foi o que alguns relataram —, francesa de nascimento, meninos malvados jogavam pedras e azucrinavam em plena rua, lançando-lhe desdenhosamente a alcunha de “lavadeira”.³

Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro, nascido na antiga Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, atual Marechal Deodoro, no dia 26 de novembro de 1865 e falecido em Maceió no dia 29 de março de 1915, foi um dos filhos de uma cidade que também exportaria para o Brasil, além de marechais,⁴ políticos do porte de um Tavares Bastos,⁵ ou de um músico como Misael Domingues.⁶

Rosalvo Ribeiro, além de ter sido um renomado artista plástico, também foi escritor, músico e professor, mas seria nas artes plásticas que se daria a sua *performance* e reconhecimento, e através dela, com uma técnica apuradíssima, ele transitaria com leveza e maestria

por temas *históricos, militares, retratos, paisagens, registros cotidianos* e ainda *cenas de gênero*.

2. SITUANDO OS CONTEXTOS E OS MARCOS

Figura 1. Primeira Missa no Brasil 268 x 365 cm



No período em que Rosalvo Ribeiro residiu na França (1888-1901), Claude Monet (1840-1926) em 1872 já havia rompido definitivamente com o figurativismo acadêmico, com a escritura de sua tela *Impressão, nascer do sol*, obra que seria jocosamente chamada de impressionista, enquanto que, aqui no Brasil, estávamos em busca da articulação e da construção do imaginário acerca de quais elementos poderiam ser trabalhados para a construção do que seria a nossa nacionalidade. É nesse contexto que se coloca a obra e a trajetória de Rosalvo Ribeiro, quando observamos que, contemporâneos de sua trajetória, Vitor Meireles (1832-1903) e Pedro Américo (1843-1905) já haviam retratado em suas telas imagens que representariam os marcos de nossa nacionalidade. O primeiro, Victor Meireles, com *A primeira missa no Brasil* (1861), e o segundo com o quadro *Independência ou morte* (1888).

Figura 2. Independência ou Morte 4.15 x 7.60 metros



Foi justamente por esses anos que Rosalvo Ribeiro, residindo na França, esteve pintando as suas telas mais importantes, entre as quais *Aldeia da Bretanha* (1894, França), *Notícias desagradáveis* (1896) e *Interior com duas crianças* (1899).

O século XIX, como se sabe, foram os anos de consolidação dos saberes científicos, da *modernidade*, da instalação dos processos de *modernização* e do *modernismo*, e das grandes agitações da classe operária, das quais a explosão da Comuna de Paris, em 1871, foi exemplar.

O século XIX é o século da invenção do telefone, do rádio e do cinema pelos irmãos Lumière. Em Paris, um dos sinais do processo de modernização foi a criação dos grandes *boulevards*, descritos em detalhes por Walter Benjamin em suas *Passagens*.⁷ Diante de toda essa agitação — pois a modernidade é sempre um choque —, Rosalvo Ribeiro pareceu estar ausente.

Se situarmos geograficamente a Marechal Deodoro durante os primeiros quinze anos — 1865 a 1880 — em que Rosalvo Ribeiro nela viveu, podemos imaginar aquela cidade, em sua composição de quietude e suaves movimentos, enquanto um espaço composto por dois tipos de paisagens e territórios interconectados, sendo um deles margeado pelas águas da lagoa Manguaba, e um outro, um planalto pontuado por vastos mirantes.

Figura 3. Crôchet OST, 85,5x66cm



Por entre as ruas, casarões coloniais e igrejas centenárias, sendo toda ela uma cidade cercada por vastos coqueirais, espaços por entre os quais brotavam dezenas de riachos e olhos d'água. Assim como hoje, já existia ali uma cultura pesqueira, uma *lacustre* e outra *marinha*, geografias das águas nas quais os pescadores singravam águas em suas jangadas e canoas.

Há que se pensar ali, naquelas temporalidades, a existência dos escravos e seus cantos e batuques, e também a cultura do bordado, uma ocupação ali já consolidada como uma tradição de mulheres.

Rosalvo Ribeiro muda-se com a família para Maceió quando tinha 15 anos e, aos 20 (1885), graças a uma pensão que lhe foi concedida pela Assembleia Legislativa Estadual, ingressa na Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro,⁸ local onde,

Figura 4. Dama Desconhecida OST, 65x52 cm



Figura 5. A Leitora OST, 91,5 X 65cm



entre outros, trava contato com artistas da estatura de Eliseu Visconti⁹ e João Batista da Costa. Naquela academia já conquista no mesmo ano de seu ingresso a sua primeira medalha de ouro, e, três

anos depois, em 1888, através do benefício de uma bolsa, agora concedida pelo governo de Alagoas, viaja para Paris, aperfeiçoando-se na Academia Julian por meio de seu aprendizado com Jean Baptiste Édouard Detaille,¹⁰ um dos mais respeitados pintores de temas militares na França do século XIX. Logo em seguida, tendo sido aprovado em concurso, passa a frequentar a École des Beaux-Arts (Escola de Belas Artes), ali estudando com Jules Lefebvre.¹¹

Figura 6. Cabeça de Índio OST, 44x34



É nesse contexto que Rosalvo Ribeiro se desenraiza, vivenciando um processo de europeização — algo bastante comum naquelas temporalidades, tempo de *inglesias* e *francesias*, sendo sobretudo o falar francês e adotar seus maneirismos e, mais do que isso, estagiar e se aperfeiçoar em Paris.

Como hoje se sabe, era o grande sonho de consumo das elites, um padrão de *status*, uma marca de civilidade e *requinte* muito comum ao horizonte cultural da época.

Figura 7. Mendigo Octagenário OST, 127 x 98 cm



É nesse enquadramento que deve ser contextualizado o seu afetamento por *cenar coloquiais* e dos *tipos humanos* ali situados — *A inocência*, *A forja*, *A pastora*, *O mendigo octogenário*, *Sans-Sourci*, *O crochet*, *A sesta*, *A leitora* —, quando se percebe através dos tipos humanos ali representados a percepção de um mundo já em fragmentos em uma modernidade que se avoluma diante de um mundo burguês que se consolida. E serão cenas de *reminiscências* as que se estampam nas imagens de *Porta de castelo*, *Ruínas*, *Rua do vilarejo de Bretanha*, *Vilarejo de Bretanha*, *Igreja rural da França*, *Paris com o Sena*. A exposição em fragmentos em imagens românticas, como se, através delas, Rosalvo parecesse estar buscando recompor e registrar ali os resquícios de um mundo que estava a se despedaçar diante dos barulhos da modernidade e suas emergências.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: A MACEIÓ DO SÉCULO XIX

Figura 8. A Pastora OST, 98 x 40 cm



Para melhor situarmos a migração de Rosalvo Ribeiro para o Rio de Janeiro em 1885 e seu retorno em 1901 para Maceió, é esclarecedor contextualizarmos a construção de nossa territorialidade, bem como pontuarmos o estrato social que ocuparia o seu espaço geográfico a partir de meados do século XIX.

Quanto a isso, as observações do historiador Dirceu Lindoso são esclarecedoras ao esmiuçar o *ethos* de origem das elites alagoanas quando da transformação de Maceió em capital da Província, em 1839:

O desenvolvimento das condições sociais de vida urbana estruturada em Maceió se deu em decorrência da criação de uma burguesia mercantil, enriquecida na prática do comércio de exportação de açúcar e de madeira de construção naval, e na importação de bens manufaturados estrangeiros, a que se somavam atividades de agiotagem altamente compensadoras, que preenchiam em nível de província a carência de capitais de investimento. (Grifos nossos)

Enfatizados os detalhes, ele vai identificar as características dessa burguesia, no geral constituída de:

[...] comerciantes agiotas e comerciantes importadores-exportadores, instalados em casas comerciais, ampórios e armazéns de Maceió e em Jaraguá. Em nível de acumulação interna de capital, a burguesia mercantil de Maceió se alcançou matrimonial e financeiramente com o segmento social representados pelo capital fundiário de origem colonial. Assim, assistiu-se ao fato de comerciantes enriquecidos, mas sem nobiolitação, buscarem casamento entre as velhas famílias de senhores de engenho falidos ou à beira da falência, com engenhos, terras e fábricas hipotecadas a grupos de agiotas da capital. Essa burguesia mercantil de Maceió tinha uma história social curta, mas tinha acumulado bastante pecúlio para adotar a agiotagem como norma financeira. Encabeçavam os primeiros investimentos urbanos na acanhada vila de Maceió, e posteriormente, a partir de 1839, modificara-lhe o perfil colonial e o bisonho ar urbano. Eram portugueses esses “mascates gananciosos” da acusação de Craveiro Costa, embora conste que a presença de ingleses e alemães mantinha praticamente o monopólio do comércio de cabotagem com os portos de Recife e Salvador e depois, o comércio com os portos europeus. A partir do meado do séc. XIX intensificou-se a concentração populacional em torno do eixo formado pelas freguesias de Maceió e de Pioca. De 1853 a 1855 a população conjunta das duas freguesias (computando-se livres e escravos) passava de 15.125

para 25.135 habitantes (Lindoso, 1985, p. 95). (Grifos nossos)

Figura 9. Sans-Souci OST, 90 x 71 cm



E vai ser sobre os influxos e a dominância dessa burguesia mercantil que acontece um surto progressista na cidade de Maceió, identificado por Manuel Diégues Jr. entre os fins do século XIX e o início do século XX, e que ganhará corpo através de emergentes construções arquitetônicas, mediante a expansão e os usos dos espaços públicos — as praças sobretudo —, enquanto movimentos *modernizadores* que perdurariam até 1920. Esse processo *modernizador* foi iniciado pela oligarquia dos Malta,¹² quando, no centro da cidade, seriam edificadas alguns prédios públicos emblemáticos de nossa nascente *modernidade* — o Palácio Floriano Peixoto¹³ (1902) e da Intendência Municipal (1910) no antigo Largo dos Martírios; a Praça Deodoro e o Teatro Deodoro (1910); o Palácio da Justiça (1912), e uma proliferação de construções de residências, todas adaptadas a uma nova estética urbana emergente.

Exemplar desse processo de modernização que estava se instalando pode inclusive ser verificado no decreto de normatização urbana publicado durante a gestão do então prefeito Sampaio Marques, em 1906, apud Leão e Ferrare (2016):

A lei n. 87 de 26 de janeiro de 1905, considerando uma boa hora o aspecto detestável que oferecia a construção de nossa capital afeiada pela casaria antiga de biqueira, baixa e asymetrica na sua quasi totalidade, estabeleceu o prazo de 6 mezes, e multa de 100\$000 depois deste praso para todo proprietário construir platibanda e fazer canalisação das aguas das casas que supportassem taes exigências.

4. O ESTAR LÁ E VOLTANDO PARA AQUI

É no contexto dessas transformações que se dá o retorno de Rosalvo Ribeiro a Maceió, em um cenário no qual a vida social da capital naquele tempo estava reduzida a realizações de *procissões, saraus, desfiles em datas comemorativas, paradas militares, procissões, retretas*, as festas de São João e Natal e as festas de Carnaval, realizadas nas ruas e nos clubes sociais existentes.

Quanto aos saberes eruditos — os saberes dominantes na época —, não fosse o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, fundado em 1869,¹⁴ o que se entende por cultura erudita, típica da configuração cultural do século XIX das elites brasileiras, repletas de *inglesias* e *francesias*, era quase inexistente. Afinal, poder-se-ia perguntar: para além daquele instituto, o que mais existia de equipamento cultural

ou de campo cultural estruturado em Maceió quando de seu retorno para a capital?

Que se pense, por exemplo, na vida social da cidade do Pilar e de Marechal Deodoro já no final do século XIX em decadência, na efervescência comercial e cultural da cidade de Penedo, nas beiras do São Francisco,¹⁵ de São Miguel dos Campos, com seus casarões e engenhos, para se ter uma ideia do tipo de ambiência cultural com que se depararia Rosalvo Ribeiro ao regressar de Paris.

Para se ter uma ideia de nosso atraso cultural, os grêmios literários que em todo Brasil eram responsáveis pela formação de artistas e intelectuais, em Maceió somente surgiriam na segunda década do século XX.¹⁶

E é nesse contexto que vai ocorrer o retorno de Rosalvo Ribeiro a Maceió, quase que desambientado e despersonalizado em seu ofício, cujas observações de Leão e Ferrare são esclarecedoras:

No início, no entanto, mesmo com todo o conhecimento adquirido na França, Rosalvo Ribeiro não se adaptou à realidade local, e sua atividade artística foi drasticamente reduzida. Limitou-se a fabricar flores de papel, lecionar francês, desenhar vestidos de noiva e, posteriormente, a lecionar Desenho na Escola Normal (Campos, 1993). Contudo, como essas atividades não obtiveram tanto sucesso, elaborar os projetos das praças parece ter sido uma das melhores formas de colocar em prática todo o conhecimento adquirido fora do país (Leão; Ferrare, 2016, p. 10). (Grifos nossos)

Quando de sua volta — detalhe revelador de seu estranhamento —, podemos identificar em seus quadros uma ruptura em seu alinhamento estético no que se refere aos parâmetro da Grande Arte,¹⁷ quando, pintando para sobreviver, em vez de paisagens e de temas livres, ele passará a retratar senhoras e senhores pertencentes às elites alagoanas, as quais, em uma época na qual já há algum tempo os registros fotográficos estavam substituindo a pintura enquanto representação,¹⁸ pagavam-lhe a peso de ouro para serem por ele imortalizadas em suas telas. Em geral, nesses quadros o que se vê são imagens de matronas e senhores sisudos em imagens desprovidas de *movimentos, cores e graciosidades*.

Todavia, o contexto do seu retorno em 1901 vai coincidir como o projeto de modernização da cidade que estava sendo levado a cabo pelo então governador Euclides Malta (1861-1944),¹⁹ o qual, em seu desenho de modernização, vai ordenar a construção do Palácio da

Justiça e do Palácio da Intendência, a construção do Teatro Deodoro e de outras instalações deixadas sob a responsabilidade do italiano Giovanni Luigi Giuseppe Lucarini²⁰ (1842-1907). É nessa conjuntura que se coloca a atuação de Rosalvo Ribeiro ao fazer as vezes de arquiteto e traçar os contornos da Praça Floriano Peixoto (a Praça dos Martírios) e do Palácio da Intendência, na mesma praça, e também os desenhos e os contornos da Praça Deodoro, e ainda suas intervenções na secular Praça dos Dois Leões, em Jaraguá.

Como se pode observar, o foco de suas intervenções vai se centrar em territórios urbanos, em núcleos de modernidade e lugares emblemáticos da capital, e, que se ressalte, todo esse processo de modernização do espaço urbano que vai estar sendo por ele implantado não seria possível sem o seu afrancesamento, pois foi precisamente essa ligação de Rosalvo Ribeiro com Paris que facilitaria a importação de adereços somente ali encontrados, como foi o caso dos elementos em ferro fundido importados da Fundação Val d'Osne²¹ — postes, bancos, fontes, estátuas, etc. —, tendo sido ainda por sua influência que a Estátua da Liberdade,²² atualmente situada por detrás do Museu da Imagem e do Som, teria sido trazida para a cidade de Maceió. Inclusive especula-se que também seria graças a uma suposta amizade do pintor Rosalvo Ribeiro com o escultor francês Bartholdi²³ que aquela estátua teria sido para aqui transplantada, após sua permanência de 12 anos na França.

Figura 10. Rua do Vilarejo da Bretanha OST, 33 x 44cm



No entanto, não obstante as intervenções urbanas imaginadas por Rosalvo Ribeiro, com o passar do tempo, restariam poucos resquícios. Trajetória semelhante seria trilhada por sua obra, cujo reconhecimento se daria de forma problemática na memória alagoana.

5. AOS DETALHES

Se é através dos detalhes que se revelam as presenças ocultas dos desejos, há que se pensar em uma de suas telas mais curiosas: *Cabeça de índio*. Diante dela podemos indagar o que nela se revela, posto que ele, desterrado de sua terra e tendo durante toda a sua trajetória se entranhado em cenas épicas e coloquiais do mundo europeu, retrataria ali uma figura indígena, artefato diante do qual, mediante uma ruptura para com linhagem imagética de seu campo perceptivo — quase um surto, digamos —, sai-lhe da imaginação a pintura da cabeça de um índio.

O curioso é percebermos que a pintura *Cabeça de índio* vai se dar justamente no ano que antecede a sua volta a Alagoas, 1900. Diante de tal fato, indagamos: esteve ele, naquele surto, a divagar apenas,

ou estaria ele, através daquela imagem de um remanescente, com um sentimento aberto ao mundo?

Décadas após seu falecimento, em 1940, na gestão do governador Eustáquio Gomes de Mello, seria erguida uma estátua em reconhecimento ao pintor,²⁴ e emprestaria seu nome a uma praça no alto da Ladeira da Catedral, próximo à sua antiga residência, e em 1945 o Museu Nacional de Belas Artes lhe dedicou uma pequena retrospectiva.

Atualmente, a Praça Rosalvo Ribeiro, situada defronte à centenária Capela de São Gonçalo, no bairro do Farol, é mais conhecida como o Mirante de São Gonçalo, enquanto que a galeria que levava o seu nome, Galeria Rosalvo Ribeiro,²⁵ onde durante as décadas de 1970 e 1980 funcionou na Praça dos Martírios, praça por ele cuidadosamente planejada no início do século XX, e posteriormente destruída por outros, aquela galeria, durante a última reforma daquela praça, também seria demolida sem deixar rastros ou lamentos, o que sequer noticiado seria.

Em Maceió podem ser encontrados ainda uma rua, no Conjunto Otacílio Holanda, no bairro de Ipioca; um colégio, o Colégio Rosalvo Ribeiro, no bairro do Jacintinho, e a Escola Estadual Rosalvo Ribeiro, no bairro de Bebedouro. No estado de Alagoas, verifica-se ainda a existência de uma Rua Rosalvo Ribeiro, na cidade de Pilar, notando-se, por fim, a existência de uma rua com o nome do pintor na cidade de São Paulo/SP, o que nos remete, de fato, para a sua importância na história da arte brasileira. Rosalvo Ribeiro se afigura ainda como o patrono da cadeira 22 da Academia Alagoana de Letras.

6. CONCLUSÃO

Nesse sentido, podemos afirmar que, mesmo tendo vivido Rosalvo Ribeiro no coração dos tensionamentos de um processo de *modernidade e modernização* (abertura de avenidas, a utilização do ferro e do vidro nos espaços públicos e, entre outros, da construção das grandes avenidas em Paris) e do nascimento do modernismo, de tudo isso, ele ficaria como que ausente.

De certo modo, é como se ele, durante os seus doze anos em Paris, estivesse vivido lá com um sentimento de estar aqui. Sinal disso pode ser verificado — como já colocamos — em suas telas *A pastora*, *A sexta*, *O mendigo octogenário*, nas quais, por detrás dos personagens, se avistam as torres de igrejas longínqua. De um certo modo é como se, através delas, lhe fosse possível evocar a existência das suas reminiscências da velha cidade de Marechal Deodoro.

Além dos mais — como já pontuamos —, nos anos em que os principais artistas plásticos do Brasil estavam construindo através de suas telas os marcos de nossa nacionalidade (caso de Victor Meireles e de Pedro Américo), Rosalvo Ribeiro andava às voltas com o delírio perfeccionista de formas e cores.

Todavia, mesmo que do modernismo não tenha ficado totalmente imune, tal como podem ser identificadas aquelas influências, em suas telas *Rua do vilarejo da Bretanha* e *O crochet*, através da força das suas luminosidades, podem ser percebidos ecos e *traços* como que tardios do impressionismo.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

A QUARESMA antiga. **O Bacurau**, Maceió, n. 103, p. 1, 1924.

AMORIM, Vânia Luiza Barreiros *et al.* **Luigi Lucarini: vida e obra.** Maceió: Grafmarques, 2010. p. 87.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Tradução do alemão por Irene Aron e do francês por Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CAMPOS, Célia. **Uma visualidade:** trajetória e crítica da pintura alagoana: 1892-1992. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. p. 47-55.

JUNIOR, A. S. de Mendonça. **Vida social alagoana na década de vinte.** Da fundação do Cenáculo Alagoano de Letras à Revolução de Trinta. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/vida-social-alagoana-na-decada-de-vinte>.

KANT, Immanuel. **Parágrafos selecionados da Crítica da faculdade do juízo.** Disponível em: http://www.verlaine.pro.br/estetica/cfj_analitica_do_belo.pdf.

LEÃO, Tharcila Maria Soares; FERRARE, Josemary Omena Passos. As praças como símbolos da modernidade e os projetos de Rosalvo Ribeiro durante a Era Maltina (1900–1912) em Maceió-AL. In: **Revista Científica do Programa de Mestrado Profissional em Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/453>. Acesso em: 7 jul. 2026.

LINDOSO, Dirceu. Interpretação da Província. In: Cadernos de Cultura 2, Maceió: Séc. de Cultura, 1985.

LOUREIRO, Romeu de Mello. **Redescobrimdo Rosalvo Ribeiro (1865-1915)**. Maceió: Grafitex, 1998.

SCHILLER, Freidrich. **Kallias ou Sobre a Beleza**. Tradução de Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

¹ Professor titular da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e integrante do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC).

² Advogado, colunista social e crítico de arte, Romeu Loureiro (1941-2014), nascido em Maceió, escreveria em 1998 o livro *Redescobrimdo Rosalvo Ribeiro*, nele traçando uma pequena biografia do artista e uma exposição de seus quadros.

³ Trata-se de um relato de memória de um antigo cidadão.

⁴ A família Deodoro seria pródiga na transformação de seus rebentos em marechais, posto que, além do marechal Deodoro da Fonseca, dela também sairia o marechal Hermes Ernesto da Fonseca, irmão de Deodoro, pai de outro presidente da República, Hermes da Fonseca. Os Fonseca se constituiriam pródigos na gestação de militares, visto que o seu pai, tendo ingressado no Exército em 1806 como praça de infantaria, alçaria aos poucos todos os postos subalternos da carreira. Deodoro tinha duas irmãs e sete irmãos. Todos os homens eram militares, e seis deles lutaram na Guerra do Paraguai, com exceção de Pedro Paulino, o qual, já na época reformado, foi impedido por seus irmãos de servir como

voluntário, ficando assim como o único dos irmãos a não combater na Guerra do Paraguai.

⁵ Aureliano Cândido Tavares Bastos, nascido em Marechal Deodoro em 20 de abril de 1839 e falecido na cidade de Nice (França) em 1875, foi um político, escritor e jornalista brasileiro, e considerado o precursor do federalismo no Brasil em sua luta contra a centralização administrativa durante o Segundo Reinado. Em 1874, com apenas 36 anos, devido a problemas de saúde, fez a sua última viagem à Europa, lá falecendo vítima de uma pneumonia.

⁶ Nascido no dia 21 de dezembro de 1857 na cidade de Marechal Deodoro, e falecido no Recife no dia 2 de dezembro de 1932, formado em Engenharia Civil, Misael Domingues foi um exímio pianista e um músico completamente atualizado pelo repertório. Enquanto compositor, foi autor de polcas, valsas, xotes e outros gêneros populares e de salão na virada do século XIX para o século XX. Quase que completamente desconhecido em sua cidade natal, em Maceió, um dos poucos registros de seu pertencimento se deve ao seu nome dado a uma rua. Todavia, devido às suas habilidades, muitos o consideraram o “Nazareth do Nordeste”, em referência ao compositor e pianista Ernesto Nazareth.

⁷ *As Passagens*, um projeto de Walter Benjamin (1892-1940) que se estendeu de 1927 a 1940, é uma obra monumental e inacabada. Usando a cidade de Paris do século XIX como um grande laboratório, Benjamin traça como que uma “arqueologia da modernidade”. Nesse projeto, Benjamin observa as galerias de Paris (as passagens) enquanto uma *arquipaisagem do consumo*, espaços nos quais estavam engendrados, *arquitetura, comércio, multidões* e as *mercadorias* enquanto objetos de consumo. É também nesse livro

que Benjamin expõe as vivências das figuras do *flâneur*, do *coleccionador*, da *prostituta* e do *jogador* enquanto figuras típicas da modernidade.

⁸ É interessante observarmos a migração dos intelectuais alagoanos em direção ao Centro-Sul ser quase que um fenômeno natural típico dos intelectuais situados em regiões periféricas, os quais, diante da frágil ou da quase inexistência de um campo artístico consolidado fora do eixo Rio-São Paulo, para lá se deslocavam na busca de aperfeiçoamento ou consolidação de suas trajetórias de intelectuais e/ou artistas. Aqui mesmo em Alagoas, na cidade de Maceió, a formação dos famosos grêmios literários, que se proliferavam pelo Brasil, somente se consolidaria a partir da década de 20 do século passado, e entre muitos, os principais foram: Cenáculo Alagoano de Letras (1926), Grêmio Literário Guimarães Passos (1927) e a *Academia dos Dez Unidos* (1928).

⁹ O italiano Eliseo d'Angelo Visconti (nascido na Itália em 1866 e falecido no Rio de Janeiro em 1944) imigra em 1873 com sua irmã Marianella para o Brasil, indo diretamente para a fazenda de propriedade de Luís de Sousa Breves, o barão de Guararema, despertando aí afeição da baronesa, que o coloca ainda jovem estudando no Rio de Janeiro. Após um frustrado início na música, ingressa em 1882 no Liceu de Artes e Ofícios, e em 1885 matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes, nela estudando com artistas já renomados, como Rodolfo Amoedo e Victor Meirelles.

¹⁰ A temática e o estilo de Detaille exercerão grande influência na produção francesa de Rosalvo Ribeiro, manifestos inclusive na tela *La charge* ("A carga"), de tema militar, exposta no Salon de Paris em 1898.

¹¹ Jules Joseph Lefebvre (1834-1912) foi um pintor francês que ficaria conhecido por retratar formas femininas e muitas de suas pinturas seriam figuras únicas de belas mulheres. Foi professor da Académie Julian, e em sua academia chegou a contar com algo em torno de 1.500 alunos, o que revela o seu prestígio na época.

¹² A família Malta, oriunda do município sertanejo de Mata Grande, vai se estender no poder por um período de quase uma década e meia (entre 1900 e 1912), quando se alternaram Euclides Malta e seu irmão Joaquim Paulo Vieira Malta. Círculo que somente seria quebrado mediante um levante popular no qual a *Quebra dos Terreiros* ocorrida em 1912 seria um dos eventos significativos no fim daquela oligarquia.

¹³ O Palácio Floriano Peixoto teve a sua pedra fundamental lançada em 14 de setembro de 1893, e somente seria concluído em 1902.

¹⁴ É bem verdade que o historiador Dirceu Lindoso identificou na geração de 1860, nela mencionando Tavares Bastos (1839-1875), Ladislau Neto (1838-1894), Dias Cabral (1834-1885), Araújo Jorge (1884-1977) e José Alexandrino Dias de Moura (s/d). Todavia, vale destacar que em sua maioria — exceção para Dias Cabral e Alexandrino Dias de Moura — tanto a produção de suas obras como o reconhecimento de suas trajetórias foram consolidados fora de Alagoas.

¹⁵ A bem da verdade e a título de comparação, no século XIX, sob o ponto de vista cultural, a cidade de Penedo apresentava-se muito mais desenvolvida do que Maceió, uma vez que, ali, devido ao seu apogeu econômico e cultural em decorrência do intenso comércio fluvial no rio São Francisco, Penedo, havia se tornado um polo

intelectual cosmopolita, chegando inclusive a ser chamada de “Atenas alagoana”, pois ali, além de uma intelectualidade florescente, existia ainda escolas de filosofia, latim e francês no secular Convento dos Franciscanos, e a elite local respirava as novidades e as tendências europeias, promovendo uma vida literária e artística efervescente.

¹⁶ Entre muitos, os principais foram: Cenáculo Alagoano de Letras (1926), Grêmio Literário Guimarães Passos (1927) e a *Academia dos Dez Unidos* (1928). Todavia, vivíamos por aqui uma ambiência cultural de baixa densidade. Muito embora o Instituto Histórico e Geográfico tenha sido fundado em 1869 — cronologicamente o terceiro em todo o Brasil —, a Academia Alagoana de Letras somente seria fundada em 1919. Logo, ao refletir sobre as ambiências culturais nesses contextos, há que se pensar em que tipo e formas de sociabilidade poderia existir em uma sociedade profundamente conservadora, pós-escravocrata, e nela poder-se-ia pensar que tipos de ócio e lazer os estratos da classe média vivenciavam em suas cotidianidades.

¹⁷ Entendendo-se por “Grande Arte” as produções estéticas inserida nos parâmetros do *puramente belo*, enquanto um conceito que seria predominante até a explosão do modernismo no final do século XIX.

¹⁸ Os registros da chegada da fotografia em Maceió datam de meados do século XIX, quando, a partir de então, dar-se-á um progressivo desembarque na cidade de fotógrafos estrangeiros, os quais pelas ruas do centro da cidade vão montar os seus estúdios de fotografia.

¹⁹ Governando Alagoas de 1900 a 1903 e de 1906 a 1909, Euclides Malta articulou uma oligarquia que sobreviveu até 1912, quando somente então será derrubado, mediante a articulação de uma outra facção das elites, junto a setores populares. Sua administração também foi marcada por um processo de modernização da cidade, quando, entre outros marcos, se deu a construção do Teatro Deodoro, a finalização do Palácio Floriano Peixoto e do Palácio da Intendência, prédios projetados pelo arquiteto italiano Giovanni Luigi Giuseppe Lucarini (1842-1907), enquanto que a remodelação dos espaços públicos ficou sob a coordenação de Rosalvo Ribeiro.

²⁰ Nascido na Itália, Giovanni Luigi Giuseppe Lucarini (1842-1907) foi um dos responsáveis pela construção de algumas das edificações mais representativas da paisagem urbana de Maceió e Penedo na virada do século XIX para o século XX. Em Penedo, tanto o Teatro Sete de Setembro como o Mercado Público foram projetos de sua autoria.

²¹ A empresa Val d'Osne foi uma fundição de arte criada em 1835 por Jean Pierre Victor André, inventor de ferro fundido ornamental. Originalmente criada para fabricar móveis de rua e ferro fundido decorativo, essa empresa rapidamente tornar-se-ia a mais importante empresa em fundição na França, sob o nome de Fundição de Arte Val d'Osne.

²² Do que se tem conhecimento, atualmente, em todo o mundo, só existem três Estátuas da Liberdade em bronze assinadas pelo reconhecido escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi. Uma se estabelece como o famoso monumento, cartão-postal de Nova York, e as outras duas, embora em dimensões menores, estão em Paris e

em Maceió, esta localizada atrás do Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA), no bairro histórico de Jaraguá.

²³ Frédéric Auguste Bartholdi (1834 – 1904) foi um escultor francês conhecido principalmente por ter sido o autor da Estátua da Liberdade, presente da França aos Estados Unidos, e algumas outras esculturas que se tornariam célebres, tais como a do Leão de Belfort, construído para celebrar a resistência da cidade de Belfort (França) durante o cerco de 1870-1871, evento da Guerra Franco-Prussiana.

²⁴ A estátua de Rosalvo Ribeiro configura um monumento de porte médio, busto em bronze sobre pedestal de granito, apresentando placa em bronze no sugestivo formato de uma paleta, objeto utilizado pelos pintores para misturar as tintas, trazendo inscrição com o nome e os anos de nascimento e de falecimento do artista (1865 – 1915).

²⁵ Galeria Rosalvo Ribeiro, fundada em 1967, a primeira galeria de artes da Prefeitura de Maceió.